



PASTORAL DA CRIANÇA

Para que todas as crianças tenham vida e a tenham em abundância (Jo 10,10)

Entrevista com Cecília Landarin Heleno - Maio Laranja

O Maio Laranja é uma campanha nacional de conscientização e combate ao abuso e à exploração sexual de crianças e adolescentes. O tema chama atenção para uma realidade preocupante e muitas vezes silenciosa: a violência sexual contra crianças. Dados oficiais da campanha apontam que, a cada hora, três crianças são abusadas no Brasil. Metade das vítimas tem entre 1 e 5 anos de idade. Na maioria dos casos, a violência acontece dentro de casa ou é praticada por alguém próximo da vítima, o que torna ainda mais importante a atenção da família, da escola, da comunidade e de toda a sociedade.

Mas como perceber os sinais de abuso? Como orientar as crianças sobre proteção do corpo e limites? E como agir diante de uma suspeita? Para refletir sobre essas questões, a entrevistada deste Tema da Semana é Cecília Landarin Heleno, analista de projetos do Centro Marista de Defesa da Infância, em Curitiba (PR). Na entrevista, ela explica os diferentes tipos de violência sexual, os sinais que podem indicar situações de abuso, a importância da prevenção e os canais de denúncia. Você pode ler a entrevista abaixo ou ouvir o conteúdo completo no player de áudio desta página.

ENTREVISTA COM: Cecília Landarin Heleno, analista de projetos do Centro Marista de Defesa da Infância, em Curitiba, Paraná.

Cecília, quais são os tipos de abusos sexuais com crianças e adolescentes?

CECÍLIA:

A violência sexual contra crianças e adolescentes é um grande guarda-chuva. Dentro da violência sexual, temos o abuso e a exploração sexual. Ainda existem outros tipos, como, por exemplo, voyeurismo e exibicionismo.



O que acontece? A exploração sexual é quando uma criança ou adolescente é utilizado para fins de ganho material, em uma troca material. Essa troca pode ser financeira, aquilo que as pessoas chamam de prostituição infantil, mas esse termo não deve ser utilizado, inclusive, porque entende-se que a criança não consente com isso. Também pode haver troca de fotos por algum bem material para a criança. Isso é exploração sexual.

O abuso sexual é tudo aquilo que é utilizado para satisfazer sexualmente um adulto em relação à criança. Isso pode envolver toque físico ou não. Pode acontecer, por exemplo, no ambiente on-line. É aí que entram outros tipos, como mostrar imagens inadequadas, exibicionismo, voyeurismo e outras situações semelhantes. Mostrar filmes impróprios para crianças também é enquadrado nesse grande guarda-chuva da violência sexual.

Quais sinais podem indicar que uma criança ou adolescente está sofrendo algum tipo de abuso?

CECÍLIA:

É importante dizer que essa experiência é muito subjetiva. A maneira como a criança vivencia a situação é que vai determinar os sinais que ela demonstrará.

Quando falamos de violência sexual, podemos observar comportamentos. Qualquer mudança de comportamento muito brusca é sempre um sinal de que pode haver alguma coisa errada. Podemos falar, por exemplo, de comportamentos hipersexualizados, de conhecimento incompatível com a idade da criança, desenhos ou assuntos que ela não deveria conhecer ou presenciar. Tudo isso pode indicar que a criança está sofrendo algum tipo de violência sexual ou presenciando situações que também configuram violência sexual.

Também podem surgir mudanças de comportamento, como não querer mais se relacionar ou falar com algum homem ou mulher da família, não querer mais ficar sozinha, não querer voltar para casa, deixar de fazer atividades que antes gostava de realizar. Tudo isso são sinais de que alguma coisa pode estar errada.

Existem também sinais físicos mais evidentes, principalmente quando há toque físico. Pode haver lesões nas partes íntimas, machucados, dores, corrimentos, entre outras situações.

E quais são as consequências desse abuso ao longo da sua vida?

CECÍLIA:

Quando falamos de violência sexual, não estamos falando de uma violência que acontece isoladamente. Ela normalmente vem acompanhada de violência psicológica. Por isso, os sinais e as consequências acabam se misturando.

As consequências dependem muito da forma como a criança elabora essa experiência. O que acontece é que qualquer violência pode afetar o desenvolvimento da criança de alguma forma. Ela pode, por exemplo, ter mais dificuldade em colocar limites, ficar mais retraída, mudar o comportamento e a maneira como se relaciona com o mundo.

No caso da violência sexual, existem muitos casos de adolescentes que desenvolvem automutilação, dificuldades relacionadas à aparência, fragilidade na autoestima, entre outras consequências.

Cecília, como a família e a comunidade podem acolher as crianças e adolescentes que sofreram algum tipo de abuso sexual?

CECÍLIA:

Existem três formas de conhecer uma situação de violência, e isso não vale apenas para a violência sexual: por meio do relato de terceiros, pelos sinais apresentados pela criança ou pelo relato da própria criança.

O acolhimento é fundamental quando a criança relata a situação. É importante dar crédito ao que ela está dizendo, sem desconfiar em nenhuma hipótese. Se ela escolheu falar com você, é essencial que você esteja disponível para ajudá-la, sem julgamentos ou juízo de valor, fazendo os encaminhamentos necessários.

O acolhimento precisa partir do afeto e do vínculo já existente com aquela criança, em uma relação de proximidade. O mais importante é que ela saiba que não está sozinha e que conta com ajuda para enfrentar aquela situação, que muitas vezes ela própria ainda não identifica como violência.

Muitas crianças relatam essas situações como se fossem algo banal. Por isso, é fundamental que família, comunidade e escola estejam disponíveis para ouvir, não transfiram a responsabilidade, acreditem no relato e busquem ajudar da melhor forma possível. Agora, se a criança não contou nada, não recomendamos fazer uma abordagem direta.

A escola tem um papel importante nessa prevenção?

CECÍLIA:

A escola tem um papel fundamental, não apenas na prevenção, mas em todas as etapas desse processo: prevenção, identificação, acolhimento, encaminhamento e acompanhamento da criança vítima de violência.

Na prevenção, a escola ocupa um lugar central porque a Base Nacional Comum Curricular prevê o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, e isso está diretamente relacionado à prevenção da violência sexual.

À medida que ensinamos às crianças que elas podem colocar limites nos adultos,

estamos ensinando prevenção à violência sexual. Falar sobre educação e sexualidade ou prevenção à violência sexual é ensinar como elas se relacionam com outras pessoas, reconhecer e nomear sentimentos, conhecer as partes íntimas do corpo, compreender noções de privacidade e intimidade e entender que podem manifestar desconforto diante de atitudes de qualquer adulto.

Quando ensinamos às crianças que elas podem dizer “eu não gosto que você grite comigo”, “eu não gosto que você encoste no meu corpo”, “eu não quero fazer isso”, também estamos ensinando prevenção à violência sexual.

A escola tem papel fundamental nisso porque mais de 80% dos casos de violência acontecem dentro de casa.

Como conversar com crianças sobre proteção do corpo e limites de forma adequada para cada idade?

CECÍLIA:

A forma adequada depende da linguagem utilizada. Quando falamos de prevenção à violência sexual, precisamos explicar que algumas partes do corpo são íntimas e que somente podem ser tocadas em situações de cuidado ou necessidade de ajuda.

Também é importante ensinar a criança a reconhecer seus sentimentos, compreender seus limites e aprender a se expressar. A educação baseada no respeito é a base de tudo isso.

Cecília, se alguém suspeitar de abuso quais são os canais de denúncia?

CECÍLIA:

Se a pessoa for um profissional, o mais adequado é comunicar a instituição onde trabalha, para que ela faça os encaminhamentos necessários.

Se não houver encaminhamento da instituição, ou se a pessoa não for um profissional — mas sim um vizinho ou familiar, por exemplo — existem alguns canais importantes. O Conselho Tutelar é uma possibilidade. Também existem o Disque 100 e o Disque 181. O Ministério Público também possui canais de denúncia anônima.

Esses canais funcionam da seguinte forma: a pessoa faz o relato da situação, inclusive de forma anônima, e a informação chega ao Conselho Tutelar para providências.

Em situações flagrantes, que exigem intervenção imediata, a polícia é o canal mais adequado.

Cecília, qual é o trabalho que o Centro Marista de Defesa da Infância realiza e como as pessoas podem entrar em contato com vocês?

CECÍLIA:

No Centro Marista de Defesa da Infância, temos a campanha Defenda-se. No site defenda-se.com, oferecemos diversos materiais para educadores, adultos e crianças. Temos vídeos para ajudar os adultos a conversarem com as crianças sobre esse tema e outros materiais que auxiliam escolas, pais e familiares.

As pessoas também podem acompanhar nosso trabalho pelas redes sociais, como Instagram e LinkedIn, procurando por Centro Marista de Defesa da Infância. Além disso, temos o site do Centro Marista de Defesa da Infância, o site da campanha Defenda-se e outros projetos desenvolvidos por nós.



(MENSAGEM) Maria Inês Monteiro de Freitas, Coordenadora Nacional da Pastoral da Criança.

Maria Inês, o que você gostaria de dizer sobre a campanha Maio Laranja?

MARIA INÊS:

Maio Laranja é uma campanha nacional de conscientização e combate ao abuso e à exploração sexual de crianças e adolescentes. O objetivo é educar, prevenir e proteger.

A Pastoral da Criança colabora ajudando a conscientizar a sociedade e as comunidades sobre a necessidade de proteção de crianças e adolescentes, além da importância da denúncia de tudo aquilo que vai contra a dignidade e o bem-estar de nossas crianças.

O Maio Laranja nos recorda que todos somos responsáveis por criar ambientes seguros e acolhedores para as nossas crianças. Famílias, comunidades e instituições devem caminhar juntas na prevenção de qualquer forma de abuso e exploração.

(TESTEMUNHO) Sandralina Santos Miranda, Coordenadora Arquidiocesana da Pastoral da Criança de Feira de Santana, estado da Bahia.

Sandralina, como os líderes da Pastoral da Criança ajudam no fortalecimento das famílias para que elas vivam em harmonia e em paz?

SANDRALINA:

A Pastoral da Criança fortalece as famílias por meio das visitas domiciliares, levando orientações sobre saúde, nutrição, educação, paz e cidadania.

Nessas visitas, conversamos com os pais sobre o desenvolvimento integral das crianças de zero a seis anos, promovendo a convivência amorosa, a prevenção de riscos e o fortalecimento dos vínculos entre pais e filhos.

(MENSAGEM) Dom Frei Severino Clasen, Arcebispo de Maringá, Paraná e Presidente da Pastoral da Criança.

DOM FREI SEVERINO:

Nesta campanha do Maio Laranja, devemos assumir o compromisso de proteger as crianças e os vulneráveis contra qualquer forma de violência.

O abuso e a exploração sexual de crianças e adolescentes são inaceitáveis e devem ser denunciados. É inadmissível que isso ainda aconteça em nossa sociedade.

Defender a dignidade da infância é viver o Evangelho na prática, no dia a dia. Na Pastoral da Criança, essa missão é ainda mais forte, pois cada criança é um presente precioso de Deus. Que o Senhor abençoe e proteja nossas crianças.

